

dificultam as verdadeiras ações científicas entre especialistas de áreas diversas.

Os verdadeiros especialistas submetidos a treinamentos exaustivos, a regulamentações rígidas e duras provas de capacitação não podem ter seus direitos usurpados por alguns oportunistas, que imaginam serem capazes de segmentar as especialidades em proveito próprio.

Quando se quer estudar em conjunto, basta se juntar. Quando um grupo insistentemente quer mostrar que estuda junto com outro, confeccionando documentos, em ações formais e burocráticas, tem-se que ter cuidado para que não sejam fabricadas provas de algo que efetivamente não ocorre da maneira que se quer demonstrar.

Conhecer bem um órgão ou sistema, ou o conjunto de patologias que os afetam, não dá o direito nem a possibilidade de que um médico seja capaz, ao mesmo tempo, de clinicar, de intervir cirurgicamente, de fazer exames complementares, nem tampouco dominar todas as tecnologias envolvidas nos mesmos, a ponto de realizar e interpretar todos os procedimentos relativos àquele sistema. Pensar assim significa apenas criar nichos de atuação, com grandes possibilidades de aumentar a autogeração de exames, sem benefícios reais para a Medicina.

Imagine algumas situações hipotéticas irreais, mas que didaticamente são muito emblemáticas, ou seja, a criação de nichos de atuação, tais como: uma ortopedia radiológica – exercida por ortopedistas; uma patologia clínica urológica – pelos urologistas; uma oncologia anátomo-patológica – praticada pelo oncologista; quem sabe uma endocrinologia ultra-sonográfica – realizada pelo endocrinologista; ou ainda cardiologia nuclear e psiquiatria nuclear – exercidas por cardiologistas e psiquiatras, respectivamente.

Desapareceriam, aí, os verdadeiros especialistas: radiologistas, patologistas, patologistas clínicos e médicos nucleares, bem treinados e legalmente regulamentados, aptos e com conhecimentos amplos de suas especialidades, enquanto profissionais sem treinamento e qualificação adequados agiriam de forma pontual, repetitiva, restrita e limitada em seus nichos de atuação, com mais riscos de incidentes e queda da qualidade de atendimento ao usuário final – o paciente.

Não se pode permitir que o conceito de equipe multidisciplinar seja deteriorado e substituído por ações oportunistas de profissionais médicos que desejam invadir e dominar outras especialidades, sem a indispensável boa formação dos verdadeiros especialistas, com conhecimentos amplos da

especialidade e não apenas de pequenas porções da mesma.

Em nome da qualidade do atendimento, as especialidades devem ser valorizadas e respeitadas, as ações interdisciplinares devem ser incentivadas, enquanto a criação de nichos de atuação deve ser impedida pela união dos verdadeiros especialistas e suas sociedades médicas, em respeito às verdadeiras áreas de atuação, regulamentadas com a concordância bilateral das sociedades de especialidades envolvidas, e não sob pressão unilateral de associações com grande número de sócios ou acentuado poder político.

Quanto àqueles especialistas que cedem seus nomes e títulos a não especialistas, facilitando essa prática tão repulsiva, deveriam ser responsabilizados pelas entidades médicas por infrações éticas e profissionais.

Em tempo, aqueles médicos que pleiteiam mudar de especialidade ou obter nova especialização merecem e devem ser bem acolhidos e estimulados a fazer esse aprendizado, sob regras e normas da nova especialização, para que se tornem verdadeiros especialistas.

*Dr. Adelanir Antonio Barroso é
Médico Nuclear e Presidente da
Sociedade Brasileira de Biologia
Medicina Nuclear e Imagem
Molecular*